

Boxer, Charles Ralph (1962) *A idade de ouro do Brasil: dores de crescimento de uma sociedade colonial*. Tradução de Nair de Lacerda; prefácio à terceira edição de Arno Wehling; prefácio à primeira edição de Carlos Rizzini. 3ª. ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000, 405 pp.

*Marcelo Módolo**

Foi publicada pela Editora Nova Fronteira — com caráter de ineditismo —, a tradução de *The Golden Age of Brazil, 1695-1750: growing pains of a colonial society* do historiador inglês Charles Ralph Boxer, considerado por muitos como o "decano dos brasilianistas". Ineditismo, pois foram necessários 37 anos desde a primeira edição¹, e trinta e um após a segunda², para que "A idade de ouro do Brasil" (Nova Fronteira, 2000) fosse relançado entre nós, durante comemorações dos 500 anos do Descobrimento.

Publicado originalmente nos EUA, o livro, na época, apontava para um novo olhar sobre nosso período colonial, a expansão portuguesa em terras castelhanas, as invasões estrangeiras e a especificidade da sociedade do ouro nas Minas Gerais.

A escolha do período de análise, 1695-1750, justifica-se na medida em que nessa fase ocorreram mais mudanças no Brasil colônia do que nos dois séculos iniciais da colonização: o Brasil que costumamos representar mentalmente teve sua configuração definida nesses anos. Em relação ainda a esses cinquenta e cinco anos, destaca-se a exploração do ouro, que começa em torno de 1700, e o Tratado de Madri, que é de 1750.

Estruturalmente, a obra compõe-se por 12 capítulos, 8 apêndices, bibliografia e notas bibliográficas. Tudo feito com base em um primoroso trabalho de documentação, no qual o autor sempre procura costurar suas afirmações com reflexões já feitas sobre o assunto, em forma de notas.

O leitor de "A idade de ouro do Brasil" logo notará que Boxer não teve muito tempo para vasculhar documentos em arquivos brasileiros, conforme "Agradecimentos" das pp. 25-26 e bibliografia. Convidado pelo embaixador brasileiro em Londres, Assis Chateaubriand, o historiador inglês veio ao Brasil na primavera de 1959 para uma visita oficial, sob os auspícios da Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II e dos Diários

Associados. Cumpriu agenda carregada de solenidades e encontros com intelectuais da época, o que deve ter atrapalhado a sua atividade de pesquisador. A primeira edição do livro seria lançada três anos mais tarde e, ao que nos consta, sem outra visita aos arquivos brasileiros. Eis aqui o âmago da questão: Boxer fez uma esmerada leitura de fontes secundárias, já impressas. Pouca contribuição deu em termos de pesquisa ou descoberta de fontes primárias. Entre o material impresso que utilizou, destacam-se *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, de André João Antonil, de 1711 e *História geral das bandeiras paulistas escripta à vista de avultada documentação inédita dos archivos brasileiros, hespanhoes e portuguezes* de Affonso de Escragnoille Taunay. De fontes manuscritas, os *Livros de ordens régias para o período 1695-1750*, do Arquivo Público do Estado da Bahia p. 394; alguns códices do Arquivo Público Mineiro p. 395; um único códice do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro p. 395; alguns documentos da Coleção Lamego da Universidade de São Paulo p. 395, infelizmente em sua maior parte ainda inédita; e o Códice Costa Matoso da Biblioteca Municipal de São Paulo p. 389 e p. 395. Sem contar os papéis de Portugal do Public Record Office (PRO) p. 395, de Londres, cidade onde morava e era titular da cátedra Camões do King's College. Ora, atualmente, tudo isso, segundo Gonçalves (2001) com exceção da documentação do PRO, já é conhecido pela historiografia brasileira, inclusive o livro de Antonil, comum nos departamentos de História e Letras da USP. O Códice Costa Matoso, inclusive, já pode ser inteiramente lido em edição impressa da Fundação João Pinheiro, de Belo Horizonte, em 2 volumes, com anotações feitas por uma equipe de pesquisadores liderada pelo historiador Luciano Raposo de Almeida Figueiredo, da Universidade Federal Fluminense.

Absolutamente nada contra a documentação impressa, mas não há dúvida de que boa parte das fontes que Boxer teve à mão era formada por livros de historiadores tradicionais, que não tinham ainda o bom hábito de citar a origem da informação que passavam ao leitor. As imprecisões e erros eram, portanto, repetidos, por conta de pouco rigor filológico, de pouco contato com as fontes primárias. Curiosamente, o autor adota posição ambígua ao comentar os trabalhos de Augusto da Lima Júnior: "Embora o autor destes trabalhos nem sempre indique a fonte de suas citações de documentos históricos, não vejo razão para duvidar de sua exatidão essencial, como fazem alguns de seus colegas brasileiros."p. 388.

O apoio nesse tipo de historiografia tradicional parece ainda ter levado Boxer a fazer algumas considerações um tanto heterodoxas, já pela época de lançamento desse livro, por exemplo: "Mesmo depois de ter a experiência provado a superioridade muitíssimo maior do negro, tanto

como empregado doméstico, nas casas, como nos campos de cultura, a escravização de ameríndios continuou, ..." p. 44. (Grifo nosso.)

Alguns deslizes na tradução e revisão parecem não macular o conteúdo dessa edição, por exemplo: "Os dois últimos livros foram traduzidos para o português." p. 16 (português); "Pequenas granjas e fazendas depressa se foram instalando ao longo das estradas, (...)" p. 71 (foram se instalando depressa). A edição também ganharia em muito se os mapas, gravuras e desenhos encartados tivessem as cores originais e não em preto-e-branco, como estão.

Mas, mesmo com documentação impressa, Boxer consegue, com sensibilidade, ser muito sugestivo. O IX capítulo, sobre as "Vacarias" no séc. XVIII, deveria ser lido com cuidado pelos lingüistas que fazem a história social do Português brasileiro (PB), pois nele o autor trata de três movimentos migratórios ainda pouco estudados: i) para o vale do rio São Francisco, ii) para a região do Piauí e iii) para o Rio Grande, no sul. Igualmente os capítulos X e XI são sugestivos para se ver a fixação da população em território brasileiro. Virtudes ainda de um clássico, que continua a instigar a reflexão sobre a formação do Brasil, juntando com maestria história econômica e história social do Brasil colônia.

Bibliografia:

GONÇALVES, Adeldo (2001) *Um livro datado, mas de leitura obrigatória*. OESP, 17.3.2001.

*Universidade de São Paulo, Brasil

¹ BOXER, Charles Ralph (1963) *A idade de ouro do Brasil: dores de crescimento de uma sociedade colonial*. Rio de Janeiro, Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II.

² Idem, (1969) São Paulo, Companhia Editora Nacional, 2ª. ed., revista.